

Primeiro Tomo

1. Abertura, em si

Às seis horas e dez minutos, do dia 27 de janeiro de 2006, acordei sobressaltada de um pesadelo sinistro e típico: cheguei à PUC, no dia 14/03/2006, às 14 horas – soma que resulta em 3 –, dia e hora de minha defesa de mestrado, dando-me conta de ter esquecido em casa todas as cópias da dissertação, inclusive, as da banca. Entrei na sala marcada para a defesa, mãos vazias. A banca em espessura de pedra, olhava em tom menor a minha entrada patética, ouvindo-me dizer: “Não sei como pôde acontecer, mas esqueci tudo”, naquela cara deslavada, sorrisinho repuxado; trágico.

Corri para fora do sonho, num pé só, respiração profunda, malsofrida. Dividida entre o pesadelo e a realidade, pensei: “Não posso deixar isso acontecer ‘no dia’!”. Depois, recobrei, afinal, a instituição tem seus mecanismos e regras de defesa contra gente do meu tipo. Tudo é entregue com antecedência, o pesadelo não tinha a menor “condição de possibilidade”.

Pensei, contudo, no tema do pesadelo: o esquecimento: minha questão recorrente, minha *dor do pensamento*. Havia, portanto, um elo de ligação entre mim, Bispo e Artaud: a memória e seus apagamentos. Teto abstrato, o esquecimento tem sido meu algoz. Pelas telhas rachadas da minha memória, deixei fugir um pouco de sonho, contudo inventei um tecido de ação “mais-que-possível”, um tipo de restauração capaz de preencher os brancos com os próprios objetos que me escapam: as palavras.

“EU PRECISO DESTAS PALAVRAS . ESCRITA”, escreveu Arthur Bispo, o mestre-de-obras, para eu concordar e, virada em servente, dizer, assim, o mesmo. Vou com sua nave e com seu manto, vou representar.

Cecilia Gusmão Wellisch.

Bom divertimento.

2. Rotação

Personagens por ordem de entrada:

1. Artista – Arthur Bispo do Rosario: P. 3.
2. Cega – Cecília: P. 3.
3. Homem – Antonin Artaud: P. 6.
4. Madame C.: P. 23.

Ação – Cenário.

A ação inicia-se à entrada de uma ambientação esférica, noturna. Céu aberto, letrado. O teatro deve ser uma arena. A esfera cênica possui um balcão superior feito de malha de ferro, constituindo o anel do meridiano celeste, onde estão espalhadas as cadeiras para a platéia.

Integrantes da produção do espetáculo, com roupas negras, auxiliam a entrada do público. O piso é pouco denso, coberto por uma lona bordada. Cento e sessenta e cinco (165) letras estelares de prata são novelos de linhas (mistura de linhas e encordoamento), riscando o espaço com múltiplas inserções. Uma grande Roda de Bicicleta presa em um suporte de madeira ocupa o centro do palco. Um homem negro está sob um foco de luz mortiça, vestido com uma farda azul bordada em fios de ouro e restos, com a inscrição: EU VIM / 22 / 12 / 1938 / MEI / NOITE¹. Desenovela as letras soltas no espaço; com os fios, borda o gigante tecido que é, para o cenário, chão.

Uma mulher cega, junto ao público, antes da entrada em cena, usa os pés tateando o bordado em que pisa. Pelo tato, lê silenciosamente o texto bordado:

Cega – (meia voz) MAIOR OBRA SOBRE A HISTÓRIA DE JESUS CONTADA EM FASCÍCULOS RICAMENTE ILUSTRADOS QUE SERÃO ENCADERNADOS E GRAVADOS EM OURO FORMANDO VOLUMES QUE VÃO ENRIQUECER AINDA MAIS A SUA BIBLIOTECA UM LEGADO DE FÉ BELEZA E CULTURA QUE VOCÊ E SUA FAMÍLIA NÃO PODEM DEIXAR DE TER A PALAVRA DOS CIENTISTAS PESQUISADORES CONSULTORES ESPECIALISTAS CATEDRÁTICOS AS MAIORES AUTORIDADES NO ASSUNTO REALIZARAM ESTA OBRA INÉDITA E INIMITÁVEL UM DOCUMENTO QUE TESTEMUNHA A PASSAGEM DE JESUS PELA TERRA DE UMA FORMA DEFINITIVA EM CADA FASCÍCULO UM TEMA COMPLETO CADA FASCÍCULO CONTERÁ UM TEMA SOBRE A VIDA DE JESUS TRATADA SOBRE VÁRIOS ÂNGULOS

¹HIDALGO, L. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. 1996. Todas as citações dos bordados de Arthur Bispo do Rosario serão apresentadas em caixa alta, ao longo da dissertação.

² As falas de Arthur Bispo do Rosario utilizadas na dissertação apresentam-se, em sua maioria, como atribuições feitas por pessoas de sua convivência ou entrevistadores. Trechos da entrevista concedida por Bispo a Hugo Denizart, autor do filme, *O prisioneiro da passagem*, transcrita e publicada por Luciana Hidalgo, no livro *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*, foram igualmente utilizados, não constituindo essas falas, portanto, em atribuições. Logo, as falas atribuídas a Bispo serão citadas, conforme as normas técnicas, pelo nome do autor do livro em que a fala está publicada, ano de publicação e número da página em que as mesmas se encontram, a conferir.

PARA QUE OS FATOS SEJAM COMPREENDIDOS E ANALISADOS NUM CONTEXTO GLOBAL INFORMAÇÕES BÍBLICAS HISTÓRICAS ARQUEOLÓGICAS E ARTÍSTICAS PARA VOCÊ ENTENDER O MUNDO NO QUAL JESUS TRANSMITIU SUA MENSAGEM E QUE NUNCA MAIS DEIXOU DE SER OUVIDA PARA CRENTES EM NOME DE JESUS MULHER O HOMEM EM SEU ÍNTIMO A MAIS RICA APRESENTAÇÃO FARTAMENTE ILUSTRADA E RICAMENTE IMPRESSA EM PAPEL DA MELHOR QUALIDADE ENFIM UMA OBRA É DIGNA DE SE CHAMAR JESUS A CADA GRUPO DE 16 FASCÍCULOS SERÃO FORMADOS VOLUMES DE RARA INSPIRAÇÃO PERPETUANDO O MAIS SAGRADO DOS SENTIMENTOS A FÉ JESUS NA ARTE UM CAPÍTULO A PARTE AS QUATRO PÁGINAS DE CAPAS DE CADA FASCÍCULO TAMBÉM SÃO COLECIONÁVEIS NELA VOCÊ ENCONTRARÁ UMA AUTÊNTICA OBRA DE ARTE AO TÉRMINO DA COLEÇÃO VOCÊ IRÁ ENCADERNÁ-LAS FORMANDO UM VOLUME ESPECIAL JESUS NA ARTE ONDE ²...

Cega – Senhores, devo escrever uma história e estou cega. (*voltando os olhos para a frente e apontando para trás*) Vejam! Tudo a dizer está sob meus pés, entanto, nada posso ver. Vêm atrás de mim (*em um giro só do braço, aponta para o homem bordando, seus olhos permanecem perdidos em direção ao público*) um homem costurando pensamentos? Trilho as linhas de seu bordado e perco-me na cegueira indistinta deste universo infinito. Agora, quanto às imagens... contrariamente, são elas que me espreitam.

A meio caminhar de nossa vida
Fui me encontrar em uma selva escura:
Estava a reta minha via perdida.³

Dois homens persigo. Vasculho pistas de seus segredos solitários, tateando os vetores de mil palavras tecidas, destecidas, mediadoras de mil sentidos, forças, ações. Devo ligá-los em nove dias a contar daqui.

Ah! Que a tarefa de narrar é dura
Essa selva selvagem, rude e forte,
Que volve o medo à mente que a figura.⁴

Artista – (*passa a mão pela cabeça*). Ah! Eu vou entrar em transformação. Eu vou entrar em transformação⁵... (*dá um giro na grande Roda*).

² Inscrição em estandarte de Arthur Bispo do Rosario.

³ ALIGHIERI, 1998. p. 25.

⁴ Ibidem.

⁵ Cf. BURROWES, 1999. p. 46.

Cega – Como será entrar pela cabeça de um homem criativo? Já pensaram sobre isto? Pensaram alguma vez em subir à cabeça de um artista no exato momento de sua criação? Enxergar um pensamento por dentro? Esta experiência é que sugiro a vocês neste instante. Subam à cabeça dos artistas. (*os atores / produção indicam com lanternas as escadas de acesso ao andar de cima*). Hoje, vocês observarão secretamente o ponto, o centro do enigma, a fonte do fluxo poético. Imaginem uma cabeça dividida em dois hemisférios: sul e norte; em que o norte seria como um chapéu erguido, oferecendo-lhes visão profunda daquilo que vai ao sul. Convido-os a esta mirada insólita. As escadas lhes serão devidamente indicadas. Vamos, senhores, valerá o esforço. Agora, sim, todos beirando o precipício do pensamento? Custou muito venerável público? Muito bem, luz para o início do espetáculo.

As luzes se apagam e o artista que, desde a entrada do público não parou de trabalhar o bordado, agora é iluminado em foco. Estira um fio e entra com o mesmo na lona para bordar, liga-se à corda elástica e começa a subir em direção ao urdimento. É acompanhado pela luz. Com metade do corpo em cena, de cabeça para baixo, fala para a cega:

Artista – Não está vendo nada aqui em cima da minha cabeça?⁶

Cega – Não vejo.

Artista – Como não? Eu trago um Deus comigo e isso não se vê com os olhos. Deus está peneirando aqui em cima, está querendo falar comigo⁷. Sai daí, Cega! Vou me transformar.

Cega – Vai se transformar em quê?

Artista – Em Rei. Me deixa que eu vou entrar em guerra⁸.

Neste momento, ao lançar do urdimento outras 165 letras sobre a Cega, o Artista cria uma cela de cordas a imobilizar a Cega. Ele desce pela corda elástica, lentamente. Com uma lanterna ilumina a Cega e a platéia enquanto fala.

Artista – EU VOU PASSAR REVISTA CORPOS HOMES CAHIDOS CARBONIZADOS E OS MORTOS REVERTER VOSSOS CORPOS JUNTOS VOSSOS ESPÍRITOS (...) ESTE GLOBO ESPLENDO GIRANDO EM TORNO

⁶ Cf. HIDALGO, 1996. p. 24.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibid. p. 25. Fala adaptada.

SEU EIXO GRECIA (...) AS MAIS LINDA HUMANIDADE REIS PRINCIPE
 CHEFES NAÇÕES PALACIOS LUXUOSOS GOVERNADORES ESTADOS E
 GLORIAS (...)⁹

OS ANJOS VÃO ARRIANDO
 A FORMOSA FINA PLUMA
 ESPUMA ESPONJA

(gira a Roda)

POR ONDE SAI O VERBO
 ESTRONDO¹⁰ ...

Explode um buraco no palco. Uma corda cai no buraco de onde sai uma luz intensa. O artista segue pronto para a luz. Do buraco aberto um homem nu emerge, paulatinamente, vindo do porão do teatro, trazendo nas mãos uma espada. Bispo deixa o homem subir e quando ele chega à altura de seus olhos, acerta-lhe um soco. O homem voa com a corda e cai do outro lado. A Cega acompanha os sons. O rosto do homem sangra.

Homem – *(para a platéia)* (...) Uma ação violenta e densa é uma similitude do lirismo: invoca imagens sobrenaturais, um sangue de imagens, e um jorro sangrento de imagens tanto na cabeça do poeta quanto na do espectador. (...) Proponho assim um teatro no qual imagens físicas violentas trituram e hipnotizam a sensibilidade do espectador que se vê no teatro como presa de um turbilhão de forças superiores.¹¹ (...) “crueldade”, quando pronunciei esta palavra, foi entendida por todo mundo como sendo “sangue”. Mas “teatro da crueldade” quer dizer teatro difícil e cruel antes de mais nada para mim mesmo. E no plano da representação, não se trata desta crueldade que podemos exercer uns contra os outros ao despedaçarmos mutuamente nossos corpos, ao serramos nossas anatomias pessoais (...) trata-se de uma crueldade muito mais terrível e necessária que as coisas podem exercer contra nós. Não somos livres. E o céu ainda pode desabar sobre nossas cabeças. E o teatro existe antes de mais nada para nos falar sobre isso.¹² (...)

Existe um risco nisso tudo, mas acho que nas circunstâncias atuais vale a pena corrê-lo (...) proponho alguma coisa para sair do marasmo, ao invés de continuar a gemer diante desse marasmo e desse tédio, diante da inércia e da imbecilidade de

⁹ Cf. BURROWES, 1999. p. 61.

¹⁰ Cf. HIDALGO, 1996. p. 131.

¹¹ ARTAUD, 1975. p. 106.

¹² Ibidem. p. 103.

tudo.¹³ (...) No ponto de ruptura a que chegou nossa sensibilidade, está fora de dúvida que precisamos antes de mais nada de um teatro que nos desperte: nervos e coração.¹⁴ (*suja a mão com sangue do rosto e mostra ao público*) Este vermelho entre brechas no meu rosto não é teatro, senhores, isso é pintura.

Artista – (*em frente ao buraco feito pela explosão*). Não toque em nada! Ninguém entra aqui estalando chão!

Homem – (*arrastando-se até o buraco e olhando para o fundo do mesmo*) – Venho da Irlanda. Em meio ao culto *Samain*, em que, simbolicamente, nos situamos fora do tempo, encontrei uma passagem e dei aqui. Trouxe a espada de São Patrício pertencente ao mundo mágico de um Rei .

Artista – Larga essa espada, rapaz! Esse lugar é meu! (*pega um uniforme de interno desfiando e entrega ao Homem*). Veste a roupa. É desrespeito andar sem roupa aqui, muito feio. Ninguém entra no meu quarto-forte desse jeito, não. É a lei.

O Homem veste uma calça de uniforme presa no toldo por um fio. Durante toda a ação a roupa se desfia.

Artista - Você enxerga a cor da minha aura?¹⁵

Homem – (*tocando o bordado da lona*) Pele com ampliações celulares de grandes proporções, aspecto elevado, arredondado, consistente e com bordos mal definidos. Lesões traumáticas semelhantes à cimentação....

Artista (*imponente*) – Cega! Apaga a luz!

Cega – *Black- out!* (*todas as luzes se apagam*).

Artista – E agora? Em que cor você me vê?

Homem – Vejo a cor dos Reis e uma luz azul riscada nas costas.

Artista – É, a luz entrou em mim. (*luz sobre o Artista, vinda do buraco no chão*). Eu sou o Rei dos Reis.

¹³ Ibid. p. 107.

¹⁴ Idem. p. 108.

¹⁵ Cf. HIDALGO, 1996. p. 134.

Cega – Acendam as luzes.

Artista – Estou construindo um castelo. “Pode entrar para ver a obra. Está em exposição”¹⁶. Espere!

Homem – (*hesita*).

Artista – A espada!

O homem dá dois passos e entrega a espada ao artista. O Artista penetra a espada no eixo da Roda.

Homem – (*indo para a Roda*) – A Roda do Tempo. É isso! Entrei no tempo do Cosmo. A Roda é a cabala. Cheguei ao vácuo, ao ponto da regeneração do tempo.

Artista – Não agora. Quando eu subir, os céus se abrirão e vai recomeçar a contagem do mundo. Vou nessa nave, com esse manto e essas miniaturas que representam a existência (...) Minha missão é essa, conseguir isso que eu tenho, para no dia próximo eu representar a existência da terra. É o significado da minha vida.¹⁷

Homem (*tocando na extensão da lona bordada*) – Este Reino é a parede de seu corpo.

Artista – É a cópia de tudo do mundo.

Homem – O seu duplo.

Artista – Do mundo.

Homem – Toda a verdadeira efígie tem sua sombra que a duplica; e a arte se instala a partir do momento em que o escultor que modela acredita liberar uma espécie de sombra cuja existência dilacerará seu repouso.¹⁸

Artista – Eu sou o salvador, não sou artista de TV¹⁹. Isso tudo é material existente na terra dos homens²⁰.

¹⁶ Ibidem. p. 104.

¹⁷ Inscrição para um conjunto de objetos de Bispo, na montagem da exposição *Brasil +500: Mostra do Redescobrimto*. Espaço Cultural dos Correios. 05 de dezembro de 2000 a 14 de janeiro de 2001.

¹⁸ ARTAUD, 1975. p. 20.

¹⁹ Cf. CASTELLO, 1999. p. 300.

²⁰ Cf. HIDALGO, 1996. p. 89.

Homem – Perdoe-me. Vejo nessa sua pele estendida, derramada pelo espaço, como espaço, juntamente com a energia da tua fome e o conjunto de todos os corpos celestes, o teu conteúdo, tua demarcação luminosa, como objeto estético, ampliando os fatos de tua vida até o mito. Porque a realidade é terrivelmente superior a toda história, a toda fábula, a toda divindade, a toda surrealidade.²¹ É correto dizer que em tua consciência que trabalha há uma força que ultrapassa a arte.

Artista – Hum.

Homem – De onde você vem?

Artista – Um dia eu simplesmente apareci.

Homem – Qual é o seu nome?

Bispo - Arthur Bispo do Rosario.

Homem – O que você faz aqui?

Bispo - Em 22 de dezembro desci lá, em São Clemente, Botafogo, no fundo duma casa dessa, quando fui reconhecido pela família. No dia seguinte, depois, me apresentei no Mosteiro de São Bento, dia 24. Dia 24 eu vim aqui pra viver, né? Mandado pelos frades.²²

Homem – Frades?

Bispo – É, reconheceram a mim. Eu disse assim: eu vim julgar os vivos e os mortos. Eles perceberam e mandaram eu vir para o hospício. Que antes mesmo, eu lá na Ilha do Governador (...) já dizia que vinha para o hospício a fim de julgar os vivos e os mortos. Isso pra quem enxerga, quem conhece. Um médico, por exemplo, que é psiquiatra, eu quando cheguei na Praia Vermelha, com dois dias fui chamado por uma junta médica. Dr. Odilon Galotti. Tinha uma junta médica a fim de me interrogar e todos eles perceberam que eu tinha vindo representar a sua santidade. Dentro dessa santidade, me permitiam uma casa forte. A casa forte

²¹ ARTAUD, 2003. p. 50. Texto adaptado.

²² Cf. HIDALGO, 1996. p. 136.

pertence a Cristo e assim eu passei a residir na casa forte, a fim de fazer miniaturas, porque eles perceberam a minha visão.²³

Homem – Quando vai ser a sua representação?

Bispo - Eu devo estar pronto daqui a uns seis ou cinco meses (...) com ação, resplendor, dos pés à cabeça, a fim de me apresentar ao mundo. Dentro dessa representação aqui.²⁴

Homem – Essa paisagem mostra “sua carne hostil, a hostilidade de suas entranhas expostas, que não se sabe qual estranha força por outro lado está prestes a provocar metamorfoses.”²⁵ E de onde vem esse seu brilho, Arthur?

Bispo – Ah, isso eu tenho uma ação brilhosa, de um metro e meio, que eu já tive umas duas ou três vezes transformando. E ficou assim de ouro, prata e brilhante, assim no comprido, na cabeça. Aí eu deixo de ter alimentação, às vezes tomo um café, depois vou deixar de ter alimentação total. E ela vem, com fé, força, sobre mim. Recebi uma ordem, tenho que me purificar. Vou secar pra virar santo.²⁶

Homem – Uma ordem?

Bispo - Jesus Filho é o pai que me guia²⁷. É sentado no trono, todo azul, diz só: Jesus Filho, tem que executar no seu canto, aí embaixo, faça isso e isso. Eu nem falo nada, tenho que executar isso tudo²⁸. (*vai para a Roda*).

Homem – Desobedece!

Bispo – (*gira a Roda*). Se eu desobedecer, me pega, me enrola lá em cima, em sonho assim, eu caio no chão, ele me suspende, eu fico descontrolado, eu vou ficando torto, qualquer coisa me pega em sonho e faz de bola, bola, bola²⁹. (...)

Homem – Senhor Arthur, não sei se o senhor sabe, mas, sua obediência é ataque, “o que o senhor ataca não é um determinado conformismo de costumes, mas o conformismo das próprias instituições”³⁰.

²³ Ibidem. p. 136 et. seq.

²⁴ Ibid. p. 137.

²⁵ ARTAUD, 2003. p. 46.

²⁶ Cf. HIDALGO, 1996. p. 141.

²⁷ Ibidem. p. 138.

²⁸ Ibid. p. 140.

²⁹ Idem.

Bispo – Eu vim arrasar o mundo em fogo. (*volta à costura a partir de fios desenovelados da Roda*) (...) tá escrito.³¹ (*começa a subir por uma corda. Do alto lança linhas e letras sobre a Cega*).

Cega – (*abrindo os fios e apoiada neles*) Conheço a tua fala estrangeira. Tuas palavras parecem ocupar algum espaço em mim. Qual o teu nome?

O homem caminha em direção à Cega. Toma a mulher em seus braços, levando-a para a Roda. Bispo desce por uma corda acima da cabeça da Cega e permanece assistindo a cena, assim, pendurado.

Homem – Toque o meu rosto.

A Cega toca o rosto do homem.

Cega – Molhado. A derreter.

Todos respiram sonoramente. A Cega continua identificando o rosto do homem.

Cega - É um desenho. Noto pelas vértebras.

Homem – Esse desenho é uma sensação que passou em mim como se diz em algumas lendas que a morte passa.³²

Cega – Já passei por estes olhos em alguma página. Sinto as linhas quadriculadas de páginas tuas. Na palma de cada uma das minhas mãos o teu modo de ser é tátil, para além da lisura das páginas. Há realidade nessa página molhada pelo pulso do teu sangue. Desmancham-se as veias?

Homem – Veia, uma só veia e não duas,
E em torno da veia a página branca,
Veia extirpada de uma consciência,
Trama de um só batimento do cílio...
É preciso olhar esse desenho ainda uma vez
depois de já tê-lo visto uma vez.³³

Cega – Deixei de ver. Diga-me.

Homem – Creio que ele permanece, então, não no espaço, mas no tempo, nesse

³⁰ ARTAUD, 2003. p. 29.

³¹ Cf. BURROWES, 1999. p. 42.

³² ARTAUD, 1995. p. 149.

³³ Ibidem.

ponto do espaço do tempo onde um sopro de trás do coração retém a existência e a suspende.³⁴

Cega – Abstração.

Homem – (...) o rosto humano ainda não encontrou a sua face e (..) cabe ao pintor lhe dar. (...) a face humana tal qual ela é se busca ainda com dois olhos, um nariz, uma boca e duas cavidades auriculares que respondem aos buracos das órbitas como as quatro aberturas sepulcrais da próxima morte. O rosto humano porta com efeito uma espécie de morte perpétua sobre seu rosto da qual o pintor deve justamente salvá-lo.³⁵

Homem – Arthur! Qual é a cor do meu semblante?

Bispo – (*irônico*) Sujo de sangue. (*traz uma linha*). Eu já fui transparente. Às vezes, quando deixo de trabalhar, fico transparente de novo. Mas normalmente sou cheio de cores. (para Artaud) Qual é o seu nome, homem?

Homem (*agarra-se numa corda, Bispo pula para o palco e corre para lançar ao Homem outras cordas, uma por vez, de modo que este percorra todo o espaço como em um vôo, enquanto fala*) –

Quem sou eu?

De onde venho?

Eu sou Antonin Artaud

e basta eu dizê-lo

como só eu o sei dizer

e imediatamente

verão meu corpo atual

voar em pedaços

e se juntar

sob dez mil aspectos

notórios

um novo corpo

no qual nunca mais

poderão

me esquecer.³⁶

Bispo (*interrompe o movimento*) – O senhor existe? (*volta ao bordado para anotar*).

(*pausa*)

³⁴ Ibid.

³⁵ idem. p. 206 et. seq.

³⁶ ARTAUD, A. *Artaud e o teatro*. 2000. p. 334.

Antonin Artaud – Onde cheira a merda cheira a ser.³⁷

Bispo – Existe.

Artaud – Poderia ter dramatizado através da cor todos esses problemas mas preferi essa provocação de insípidas cores (...) Nada que cheire a cânfora, com efeito, como as caixas de certos túmulos chineses onde a morte passa no azul, e o sangue da pleura rosada das paredes evoca.³⁸

Bispo do Rosario – ESTRUTURA MEDIANA / DESSE ESQUEMA TEM CARAT- / BUSTO-FISICO / CORPO ALMA E CIRCULATÓRIO / DO SER HUMANO / CABELOS PENDÕES É SEGURANÇA / 7 SETE / OUVIDO ORELHAS TRAQUEIA PELES 7 / FACE QUIXO DENTES / BOCA LABIOS LINGUA VOZ / FALAR CANT / FRONTAL SUPECILIO / CLAVICULA ARTERIA / CORAÇÃO DA PRESSÃO O / SANGUE NAS / VIRILHA- AS AMIGULAS TOSSE VEIAS / CINTURA TORAX DE / ESTRUTURA / HEMATOMAS / ASPECTO MASCULINO / GARGANTA GRITA / NO PEITO TRAZ AGUIA E NOME / NOMES PROPRIO COMO ARACY ARACAJU ARTHUR AGELIA³⁹

Artaud – (...) Quero dizer que ignorando tanto o desenho quanto a natureza, resolvi dar saída às formas, linhas, traços, sombras, cores, aspectos que, como se faz na pintura moderna, não representam nada e não reclamam mais de serem reunidos segundo as exigências de uma lei visual ou material qualquer, mas sim que criassem acima do papel uma espécie de contra-figura que seria um protesto perpétuo contra a lei do objeto criado.⁴⁰

Cega – O senhor Antonin Artaud ocupa-se com a brutal força do pensamento. Esta força, dentro dele, luta com a rudeza da linguagem, essa espécie de camisa-de-força. A linguagem nada mais é do que uma instituição social, veículo das ideologias, instrumento de mediação dos homens entre si, e entre os homens e a natureza. “A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva (...)”⁴¹. Antonin trabalha em seus desenhos-escritos a “força de resistência que vai dirigir sua obra – para além da desconstrução, demolição e combate das formas instituídas – a um lugar de

³⁷ Cf. <http://www.sabotagem.cjb.net/>

³⁸ ARTAUD, 1995. p. 149.

³⁹ Inscrição em um estandarte de Bispo do Rosario.

⁴⁰ ARTAUD, 1995. p. 90.

⁴¹ BARTHES, 2001. p. 12.

inquietação permanente, daí mesmo à vertente vital do mal que lhe *[sic]* atinge, assim como àqueles que o lêem.”⁴². E em 1936, antes da Segunda Grande Guerra, em Conferência pronunciada na Universidade do México, Artaud já havia dito:

Artaud – Quando o jovem pintor Balthus compõe um retrato de mulher, ele manifesta uma terrível, uma exigente noção do amor e da mulher; e ele sabe que não fala no vazio porque sua pintura possui um segredo de ação.

Ele pinta como alguém que conhece o segredo do raio.

Enquanto não se aplicar o segredo do raio, o mundo pensará que se trata de ciência, e deixará isso para os sábios. Mas um dia alguém aplica esse segredo do raio, e o aplica na destruição do mundo; é então que o mundo começa a levar em conta esse segredo.

(...)

Essa idéia de vida é mágica, supõe a presença de uma chama em todas as manifestações do pensamento humano; e hoje, esta imagem do pensamento se incendeia, parece a todos nós que ela está contida no teatro; e nós acreditamos que só o teatro é feito para manifestá-la. Mas hoje a maior parte das pessoas pensa que o teatro nada tem a ver com a realidade, todo mundo pensa que se trata de teatro; porém somos muitos na França a crer que somente o verdadeiro teatro pode nos mostrar a realidade (...) ⁴³. Penso em um teatro com a força que salta das palavras e dos objetos em desordem, para o ar, como uma imagem invertida.

Artaud (*para a Cega*) – Você, quem é?

Cega – Estou presa. Há sempre uma página escrita diante dos meus olhos, por isso estou cega, com a ilusão de que mantenho o controle.

Artaud – E porque não está lá ao lado deles (*apontando para a platéia*)?

Cega – Sou cega, escrevo.

Artaud – Toda a escritura é uma porcaria ⁴⁴.

As pessoas que saem do vago para tentar precisar seja o que for do que se passa em seu pensamento são porcos.

Todo o mundo literário é porco, e especialmente o desse tempo. ⁴⁵

⁴² KIFFER, 2003. p. 173.

⁴³ ARTAUD, 2000. p. 314.

⁴⁴ ARTAUD, 1995. p. 209 et. seq.

⁴⁵ Ibidem.

Bispo – A Cega espia.

Cega – Investigo, senhor Arthur. Escavando tuas escrituras, foi a literatura de Artaud emergindo, lançando-se à minha sondagem em muitas direções, até transbordarem sobre o vazio da minha compreensão. Antonin te resguarda com palavras.

Artaud – Palavras, Cega? Ainda pensas em palavras? Modo vulgar, o teu, tendo ao tato dos pés a pele das imagens, os quelóides das lesões carregadas de tempo e da ação de Arthur. Diante dessa força, Cega, de que te serve a linguagem verbal cheia de lógica, e de elaboração, e de raciocínio? De que te serve ordenar o que se manifesta no rasgo da descontinuidade?

Cega – Não sei pensar sem palavras. Estou presa em um labirinto, como disse. As cores são meus devaneios, pelo atrito do preto com o branco do papel, no passar das páginas.

Artaud – O que você quer? Ser um mestre em sua língua, um mestre em análises e classificações de nossas “obras”? Demonstrar aos leitores, cheios de referências no espírito, os embasamentos de seu cérebro e demonstrar seu conhecimento sobre as correntes de pensamento em sua época? Como é, Cega? Esse é o seu rangido de autômato a ser espalhado pelos quatro ventos? Pretende remoer ideologias que ganham espaço em sua época? Cega, aqueles que crêem ainda numa orientação do espírito, aqueles que seguem caminhos, que agitam nomes, que fazem bradar as páginas dos livros — são os piores porcos.⁴⁶

Cega – Que seja! Darei meu grunhido de autômato, agitando o nome de Arthur, com o nome Artaud irá como península. Como você mesmo previu, hoje os seus gêiseres e os seus jogos de alma foram descobertos. Seus escritos, cheios de tanto dizer, foram vasculhados, remexidos, como matéria do pensamento. Você e Arthur são estudados, lembrados por grandes nomes das correntes de pensamentos. Nada poderá impedir a usurpação autorizada, em nome da história e da memória.

⁴⁶ Ibid. Texto adaptado.

Bispo – (*em cima da Cega, tocando seus cabelos e olhando para a platéia*) O que me falta eu vou encontrar lá fora, em casas comerciais subterrâneas, vou encontrar. (*para Artaud*) Que eu tenho uma noite suave das coisas, da existência⁴⁷.

Artaud – A sociedade (...) tacha de loucura as visões exorbitadas de seus artistas e sufoca seus gritos no “papel impresso”.⁴⁸

Cega – Dói-me a cabeça. É como se sobre ela dezenas de olhos estivessem espreitando. Guardo a cegueira do mundo.

Silêncio demorado. Artaud caminha na direção de Bispo.

Cega - Antonin Marie-Joseph Artaud nasceu em Marselha a 4 de setembro de 1896 e morreu no dia 4 de março de 1948. Foi ator e escritor, tendo conseguido publicar seus escritos devido a inúmeras cartas enviadas ao editor da *Nouvelle Revue Française*, Jacques Rivière, nas quais falava de sua dor do pensamento e solicitava a publicação de seus textos. Possui 28 volumes de escritos publicados pela editora *Gallimard* e continuam a surgir textos inéditos seus até hoje. Escrevia e desenhava em cadernos de papel quadriculado. Bispo do Rosario nasceu em Sergipe, em 1911 e morreu em 1989. Não foi um escritor, mas sua obra é coberta de palavras, conduzidas pelo bordado. Com linhas costurou, amarrou e envolveu objetos. Foi marinheiro, pedreiro, jardineiro, pugilista, funcionário da *Light*. Interno da Colônia Juliano Moreira. Produziu, incansavelmente, durante 50 anos, confinado em uma cela do manicômio ou encerrado em quartos de locais de trabalho. Foi reconhecido como artista, contudo sua intenção não era produzir arte, e sim, catalogar as coisas do mundo para apresentar a Deus na hora do derradeiro chamado.

Artaud – (*ri da Cega*) O que é isso agora, Cega, uma biografia? Quer uma ordem cronológica, uma origem que nos faça razoáveis para o público? (*Ri*) Isso é patético!

Apagam-se, bruscamente, as luzes sobre a Cega, com o som dos disjuntores desarmados. A Luz incide sobre Artaud e Bispo.

Artaud – (*sussurrando*) Arthur, essa Cega está nos inventando.

⁴⁷ Cf. BURROWES, 1999. p. 42.

⁴⁸ Cf. ARTAUD, 2003. p. 14.

Bispo – Espia.

Artaud – Controla nossos atos. Nos faz dizer recortes de tudo o que dissemos durante a vida em contextos desconexos. Inventa falas para nós.

Bispo - O louco é um homem vivo guiado por um morto.

Artaud – Não, Arthur. Falo de outra ilusão. Essa Cega está jogando com nossas palavras. Ela nos capturou com suas garras de leitora, compõe nossos pensamentos e nossa presença sob sua própria perspectiva. Veja, estamos em um teatro. Ela escreve. Estamos, aqui, servindo de teatro para ela.

Bispo – Bobagem. Mulher não manda no mundo dirigido por Deus, não. Se ela vem, eu invento outro mundo. A gente inventa, então, que isso, sim, é coisa de Reis. Vamos para o céu, se quiser eu te levo, Tuninho. Pode vir.

Artaud – Vamos embaralhar a linguagem da Cega, destorcer sua razão comedida, seu protocolo científico. Quero vê-la girar na Roda do Tempo, sua *Roda*, apagá-la pela velocidade e, assim, subtrair-lhe o controle. Façamos, então, deste espetáculo, um acontecimento, um mundo tangente ao que ela procura nos encaixar, depois enrolamos essa linha no pescoço dela.

Bispo – Hum.

Luz na Cega.

Cega – Estar aqui entretida na trama dos pensamentos e das formas alinhadas por vocês, me fez lembrar a história de Teseu à entrada de um labirinto, prestes a matar o Minotauro. Para Teseu e seu povo, o Minotauro representava a face do desconhecido, a exceção ao convencional. O Minotauro morre, porque representa um perigo à ordem estabelecida. A exceção poderia ser representada por um de vocês dois ou por qualquer outro homem, que de algum modo fuja à conduta uniforme.

Artaud – Perfeito! Vamos encenar! Seja, este, o espaço de representação! A Cega será Ariadne entregando a linha a Teseu, representado por mim. Fique o Senhor Arthur com o Minotauro, pois, de todos nós é o que melhor soube desfazer a clausura.

Bispo – Cega, vai pra Roda! O homem te leva.

Artaud leva a Cega para a Roda, precipita-se para amarrá-la. A Cega encontra a espada, retira-a do eixo e ameaça Artaud.

Cega – Ariadne desfia o tempo, não pode estar amarrada.

Bispo – A Roda fia, Cega.

Artaud – Aceitamos representar a cena proposta por você. Agora aceite nosso cenário e ação.

Cega – Por que eu seria amarrada?

Bispo – (*à parte para Artaud*) É muito feio homem machucar mulher. A Cega pode ficar aqui se não tocar em nada. Embaralha o jogo dela, porque jogo não foi feito pra mulher. Mas, não machuca.

Artaud – Ela será sacudida e ficará arrepiada com o dinamismo interior do espetáculo e este dinamismo estará em relação direta com as angústias e as preocupações de toda a sua vida.⁴⁹

Cega – Conheço essa cena. Esse foi o sacrifício de Béatrice, em sua peça *Les Cenci*. Durante os ensaios, você insinuou girar a roda em que estava presa a atriz, por isso, ela exigiu fazer a cena amarrada à roda, todavia, apoiando os pés sobre um banquinho.

Artaud – Cega, experimente o teatro que você mesma veio encontrar. Controlando o meu discurso, nunca poderá demonstrar o teatro que proponho. Você criou uma farsa, um teatro vulgar, uma representação que me põe a falar grandes “bifes”. Fez de Arthur Bispo do Rosario – homem de ação, realizações e silêncio – um tagarela, para construir sua pretensiosa “dramaturgia”. “O diálogo – coisa escrita e falada – não pertence especificamente à cena, pertence ao livro”. “Romper a linguagem para tocar na vida é fazer ou refazer o teatro; e o importante é não acreditar que esse ato deva ser algo sagrado, isto é, reservado. O importante é crer que todos podem fazê-lo e que para isso é preciso uma preparação. (...) É preciso acreditar num sentido da vida renovado pelo teatro onde o homem

⁴⁹ ARTAUD, 1995. p. 30.

impavidamente torna-se o senhor daquilo que ainda não existe, e o faz nascer. E tudo que ainda não nasceu pode vir a nascer contanto que não nos contentemos com ser simples órgãos de registro”⁵⁰.

Cega – Cuide-se. Essa pesquisa já me desagrada. Mantenha-se longe ou não hesitarei em cortá-lo.

Artaud – Ora, Cega, não disfarce. O teu teatro é ilusão, tudo o que terias a cortar em mim são as falas, ou o triste personagem no qual fui transformado, e isto me seria um proveito. (*Ri*).

A Cega precipita-se contra Artaud com a espada e fere o seu peito.

Bispo – Pára, Cega. Quem manda aqui sou eu.

Artaud – (*para a platéia*) Tudo que atua é uma crueldade. É a partir desta idéia levada às últimas conseqüências que o teatro deve ser renovado. (...) Tudo que existe no amor, no crime, na guerra ou na loucura precisa nos ser devolvido pelo teatro, se ele pretende reencontrar seu papel necessário.⁵¹ (*segue para a platéia*) A Cega não quer participar. Queremos valorizar a platéia, ao invés de mantê-los como *voyeurs* a penetrarem em nossa intimidade de fantoches.⁵² Vamos levar alguém da platéia à Roda!

Cega – Este truque não convence mais a platéia deste século. Quer ultrapassar a palavra? Quer destruir a mensagem? Faça-o com seu próprio corpo. Deixe o público ocupar o lugar que escolheu. Quem quiser que aceite o risco ou sente-se para sempre. Eu o desafio à Roda ou à morte!

Bispo – (*para Artaud*) Homem não bate em mulher, não senhor. Respeita a casa de Deus!

Artaud – (*em atitude de ataque para a Cega, que se esquiva em movimentos com a espada*).

⁵⁰ ARTAUD, 1975. p. 22 et. seq.

⁵¹ Ibidem. p. 109.

⁵² Ibid. p. 108.

Cega – Na curva galeria, Teseu enfrenta o Minotauro. Vê-se a extremidade da linha aos pés do herói sem sua espada.⁵³

Bispo se lança por uma corda sobre Artaud. Artaud cai no chão. Bispo, em outra corda, ajuda a Cega a fugir em traçados diagonais. A movimentação dos atores deve obedecer aos movimentos das peças do jogo de xadrez. A Cega é a dama. Bispo é o Rei e o Bispo. Artaud é o cavalo. O leitor e o encenador precisam esforçar-se nas regras e na arte dos enxadristas. Por ter sido tombado, Artaud volta-se furioso contra a Cega. Bispo cria obstáculos para Artaud, com as linhas do espaço, afinal, é também o Rei. Em sendo o Rei, não pode estar em xeque ao jogar, assim, Artaud não pode aproximar-se da Cega, por estar protegida por Bispo – o Rei. Desenvolve-se uma cena de perseguição aérea em grunhidos. Bispo toma uma corda em que está Artaud e o faz rodar como um peão. Artaud desfalece, escorregando pela corda até o chão. Silêncio.

Artaud – (caído. Disforme)

Ti largar
Ori tartura
La tartura
Ara tula
Ti largar
Ori tartura
Ra lartura

Ti largar
Ori tartura
Ta lartula
Ara tula

Ti largar
Ori tartura
Ta ratula
Ara tula
Ti largar
Ori tartura
Ora tartula
Ora tula.⁵⁴

Artaud levanta-se com o corpo desarticulado, porém, pleno de força. Sobe estranhamente em direção ao urdimento. Bispo protege a Cega misturando-a à platéia. Toma da Cega a espada e vai para o palco esperar Artaud que, vestido com um colete, salta por uma corda elástica sobre o público, bem em cima da Cega. Bispo ameaça partir com a espada para atacar Artaud na platéia.

⁵³ CORTÁZAR, 2001. p. 61.

⁵⁴ ARTAUD, 2004. p. 1401.

Cega – Não ameace a platéia, Bispo! O público é desertor. Eles fogem das salas de espetáculo. A platéia cansou desse formalismo maniqueísta, que é a explosão do espaço, a relação direta com o espectador, como se fosse ele o “quarto criador”, a platéia não admite ser tocada em qualquer espaço, que não seja o da imaginação. O público desse tempo procura afeto, mas omite o corpo.

Artaud – Sinto um germe francês nesse ar. (*captura a Cega*).

Bispo – Sempre fui *faxina* dos fortes pra dar nos doentes quando estavam agitados (...) Na Praia Vermelha, bati muito em paciente, mas nos maus que queriam quebrar tudo. Não tenho pena, não. Quer perder a cabeça, homem? Solta a moça.

Artaud – Vamos levar a cabo o nosso plano. Representamos uma cena, estão lembrados? Giramos os papéis, assim mesmo o sacrifício terá de ocorrer. Minotauro entrega-se a Teseu e morre. Belo desfecho contra o texto-ídolo figurado pela Cega. Coitada, aos seus olhos embotados o texto preenche um vazio. Ora, Cega, se há vazio, há força e há ação. O teatro requer teatralidade e esta prática é uma realização diferente do texto! O texto será esmagado!

Artaud leva a Cega para a Roda e amarra-a. Bispo tenta impedir, mas é ameaçado com a espada. Artaud gira a Roda. Quando a Roda pára, a Cega está morta. Bispo solta as amarras das mãos e pés da Cega. Uma projeção computadorizada transforma a Cega em um desenho de milhares de pequenas letras pretas, em fundo branco, girando sem parar. As mãos de Artaud são atingidas pela projeção por ter tocado a Cega.

Artaud – Não seja amadora, Cega, não será com os truques do cinema, mas com os recursos específicos do teatro, que este atingirá o seu sentido verdadeiramente mágico. Ela não morreu, senhor Arthur. A palavra é mesmo uma matéria-prima resistente ao tempo. Ou será o público imaginando? Quem mantém o controle da ação, quem nos faz atuar desse modo?

Bispo – (*caminha na direção de Artaud com cordas elásticas nas mãos*) Isso tudo é coisa existente no mundo. (*conecta as cordas nas argolas do colete de Artaud paralisado*) Coisa encontrada lá fora, em casas comerciais. (*conecta cordas elásticas em seu próprio cinto*) É que eu tenho uma noite suave das coisas, da existência.

Artaud – Como pude confiar em um Rei?

Súbita e violentamente, os fios cruzados do espaço arrastam para o ar a tela bordada, levando dali o espaço criativo, com Bispo e Artaud. O deslocamento de ar causado pela elevação do tecido provoca o vôo de uma papelada que se encontrava sob a tela, ao chão.

Bispo – *(enquanto sobe, grita)* Cega! Não permitirei que te desvies. Meus olhos recairão sobre ti !

Cega – *(desproporcionada, dirigindo-se ao público)* Senhores, qual data está marcada hoje em nosso calendário? Como os senhores vêem a realidade do mundo em que vivemos? O que faz sentido neste mundo ou qual a sua razão? Nossa civilização pode realmente acreditar que tudo está em seu lugar? As obras e as vozes desmedidas da “loucura” repercutiram em outras vozes e obras de pensadores legitimados da cultura ocidental. O pensamento destes homens circula e nem todos conhecem a sua origem. As obras de artistas aerados, como as destes que aqui estiveram, são utilizadas e representadas pelas mesmas instituições que os excluíram.

Os senhores foram convidados a espiar dentro da cabeça destes artistas, o momento exato em que se faz a criação. E então? O que define a força que emerge das imagens, originadas do nada inicial da tela ou da página em branco, surpreendendo nosso olhar? A instância da inspiração artística não estará para além da moldura “bem organizada” desse nosso mundo? Qual linha de fronteira define a passagem do espaço cotidiano para o espaço de inspiração e criação? A quem é permitida a passagem para este espaço? A quem é vetada? É, neste justo ponto, que se encontram todas as imaginações, independentemente de suas biografias, espaço, tempo, “lucidez”. Tudo mais é distintivo, todavia, complemento. O limite da criação é a interseção, o não-lugar, do qual magicamente surge beleza.

O espaço é tomado pelo escuro profundo do teatro. Silêncio.

A Cega - *(pausa)* Escuro de meus olhos. Cegueira de não conhecer os caminhos, de ter a razão deitada em sono. Há, entretanto, nos guardados de meus pensamentos uma luz suave sobre um mundo infinito de falas deste mundo.

Uma luz de canhão ilumina uma mulher de pé, no centro do palco. A mulher tem nas mãos o livro, “Marta, a árvore e o relógio”, e uma caixa preta e esférica, ao chão. Corpo pequeno, frágil, gestos elegantes e pensados.

Madame C. – *(faz para a cabine de iluminação um gesto imperativo e uma luz de canhão ilumina a cega, rodeada pelas folhas de papéis escritos)* Venha!

Cega – Madame?! O que faz tão dentro deste sonho?

Madame C. – Já está bem até aqui. *(dirige-se ao técnico de luz)* Por favor, acendam as luzes do teatro.

Acende-se a luz geral do teatro. A cega tem os olhos ofuscados. Pisa nas folhas de papéis, agacha para juntá-las. Enrola as folhas e as amarra com uma linha solta do cenário.

Madame C. – Venha, Cecília. Há algo para você.

Cecília caminha em direção à Madame C., ainda acomodando a visão à luz geral. A mentora toma o livro nas mãos, abre uma página marcada.

Madame C. – *(olhando para a Cecília)* Preste atenção. Vou ler um trecho da peça *Rasto Atrás*, de Jorge Andrade. Um desses autores relegados, por estarem na hora errada, no lugar errado, escrevendo para quem não enxerga.

Madame C. – Página 461, primeira parte. *(lê)* “Vicente: *(Alheia-se pouco a pouco)* Papai dizia que certas caças correm rasto atrás, confundindo suas pegadas, mudando de direção diversas vezes, até que o caçador fica completamente perdido, sem saber o rumo que elas tomaram. E muitas vezes, são tão espertas que ficam escondidas bem perto da gente, em lugares tão evidentes que não nos lembramos de procurar.”

Conforme Madame C. lê a rubrica de “Rasto atrás”, o som dos latidos dos cães (da rubrica da peça) é, simultaneamente, reproduzido na sala e entrecortado pelas vozes de Artaud e Bispo do Rosario, em falas transcorridas durante o espetáculo. Madame C. fecha o livro.

Madame C. – *(baixando o som)* Pense e procure-me em nove dias a contar daqui. *(toma a caixa preta do chão e entrega à Cecília)* A senhora K enviou a você este enigma. Mantenha as luzes acesas, mesmo quando houver intenção em empregar a

sombra das idéias. Diminua também o *corpus* do trabalho. Os livros todos juntos são pensamentos infinitos, mas, para agora, o infinito seria longo demais.

Cecília – Madame, tenho estes papéis.

Madame C. – *(pega o rolo de papéis e sai devagar, sem olhar para trás)*
Examinarei com cuidado.

Cecília sorri e observa a saída da Madame C. Abre a caixa cuja tampa possui o formato de um chapéu-coco. Levanta o chapéu e a caixa se acende, revelando em seu interior a maquete cenográfica do espetáculo. Cecília encara a platéia serenamente.

Cecília – *(colocando sobre a cabeça o chapéu)* De estar tanto tempo fixada a minha vista no interior de tantos pensamentos, “rasto atrás”, encontro um olhar diferenciado. É que as leituras e as falas vão se ramificando, alterando definitivamente nossas percepções. Desçam, senhores, da cabeça dos artistas. Sigam para suas casas ou para os restaurantes da cidade. Procure, cada um, o seu rumo. Isto é Teatro. Isto é tudo.

Os integrantes da produção do espetáculo auxiliam a saída da platéia, concentrados na ação, sem esboçar sorriso.

FIM